
LEITURA COMO CHAVE PARA MÚLTIPLAS PORTAS

READING AS A KEY FOR MULTIPLE DOORS

Marta Morais da Costa¹

Resumo: Os muitos suportes da comunicação e as diferentes linguagens neles veiculadas exigem novas perguntas e outras metodologias para a formação de leitores e para o conhecimento de como se desenvolve o processo de interpretação nos usuários de todo esse sistema. Para tanto, foi criado em 2000 na PUCPR, em Curitiba, um curso de especialização em leitura de múltiplas linguagens. O curso estava direcionado aos profissionais das mais diferentes áreas: arquitetos, artistas – teatro, artes plásticas, dança, música, literatura – editores, educadores em geral, jornalistas, professores, psicólogos, psicanalistas, críticos profissionais e outros. As monografias resultantes abrangeram diferentes áreas, como literatura, jornalismo, música, teatro, publicidade, artes plásticas e imagens, cinema e cultura num conceito abrangente. E a leitura foi a ação motivadora e determinante dessa transformação.

Palavras-chave: *Leitura, Formação de leitores, Leitura de múltiplas linguagens, Leitura na pós-modernidade*

Abstract: The many supporters of communication and the different languages require them conveyed new questions and other methodologies for educating readers and for knowledge of how to develop the process of interpreting the users all over this system. Therefore, it was created in 2000 in PUCPR, in Curitiba, a course of specialization in reading multiple languages. The course was directed to professionals from different fields: architects, artists - theater, arts visual, dance, music, literature - publishers, educators in general, journalists, teachers, psychologists, psychoanalysts, critics professionals and others. The resulting monographs covering various fields such as literature, journalism, music, theater, advertising, fine arts and images, film and culture in a comprehensive concept. And reading was the motive and decisive action of this transformation.

Keywords: *Reading, readers Training, Reading multiple languages, Reading in postmodernity*

Uma das palavras mais marcantes da pós-modernidade é *múltiplo*. Em seu sentido cumulativo de muitos e em seu sentido qualitativo de variedade. Ao ser convidada a participar de um módulo para a formação de educadores para a leitura pelo PROLER em 1995, presidido à época por Francisco Gregório Filho e sob a assessoria desbravadora e entusiástica de Eliana Yunes, encontrei-me pela primeira vez com a possibilidade concreta de pensar a leitura de múltiplas linguagens.

De fato, assim como as linguagens possuem elementos de identidade muito próprios, também os possuem em similaridade com outras linguagens. A música, com sua base de som e silêncio, é poesia na transcodificação para o verbal. O teatro, misto de gesto, vocalização e palavra, comunga com a literatura de traços comuns de diálogo e narração. A pintura é narrativa em cores e linhas, como a arquitetura, a ilustração gráfica e a publicidade.

Acima de tudo, qualquer que seja a linguagem, ela está a propor, por meio de um tecido de signos, o trânsito entre autoria e recepção. Escolher, reunir, organizar, propor e apresentar são verbos que, independentemente da linguagem, estão na origem e natureza dos textos. Tal como receber, compreender, interpretar e recriar estão na origem e natureza da leitura desses textos.

Em seu extraordinário livro “Lendo imagens”, Alberto Manguel ao tratar da leitura de imagens não a dissocia da narrativa, entendida como elemento estruturante:

¹ Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora da Cátedra UNESCO de Leitura.

Quando lemos imagens- de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas – atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MANGUEL, 2001, p.27)

Portanto, em linhas gerais e panorâmicas, a formação de leitores para o enfrentamento e intercâmbio com linguagens humanas diversificadas amplia e aprofunda as experiências práticas e as reflexões teóricas existentes na raiz ou na decorrência desses diálogos semióticos.

A convivência na atualidade com a riqueza e a diversidade textual provocam alterações na própria identidade do intelectual, cobrando-lhe amplitude e exercício leitor múltiplo. Júlio Diniz afirma: “No jogo das interpretações, observamos o deslocamento de um olhar educado nas *belleslettres*, leitor de uma minoria letrada esculpida no papel, para o corpo tatuado de imagens, textos, sons de uma maioria tradutora de múltiplas identidades sociais.” (OLINTO & SCHOLHAMMER, 2002, p.177).

Essa passagem para novas identidades tem a ver com mudanças culturais de alto teor massificador. Embasados nos muitos suportes à disposição da produção capitalista em série e em busca de expressar os desejos e modos de ver das massas com acesso cada vez mais facilitado à tecnologias, produtos culturais novos invadem os espaços e os tempos de leitura, de escrita e das várias linguagens expressivas e de comunicação. O advento da linguagem digital e dos novos gêneros textuais surgidos de usos inéditos de som-imagem-palavra (*e-mails*, *blogs*, *chats*, vídeo-conferência, entrevistas, agendas, aulas à distância e outros) apressou a formação de leitores diferenciados, criando códigos, gramáticas e ortografias de uma nova linguagem.

Há uma nova ordem mundial – a Tecnocracia – que se vislumbra inevitável anunciando a hegemonia da Globalização nas relações econômicas, no Neoliberalismo como ideologia política e da Informática Digital no domínio tecnológico. Essa conjuntura nos tem imposto um formato de texto sobre o qual os discursos doravante deverão se (hiper)textualizar. Refiro-me ao hipertexto – protocolo oficial desta Tecnocracia – que, com todas suas idiossincrasias, nos coloca, como desafio de uma, no mínimo, diferente forma de abordar os materiais legíveis e, por conseguinte, interpretar o mundo. Por hipertexto, entendo ser uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade. (XAVIER, 2005, p.170-171)

Igualmente, a difusão e o acesso a linguagens até meados do século passado ainda restritas, como o teatro, o cinema, as revistas em quadrinhos, a fotografia, a publicidade, a televisão, as revistas ilustradas, os jornais e os museus, tornou urgente a formação de leitores menos submissos e mais críticos, que pudessem resistir à pressão do excesso de textos e de informações. Formar leitores críticos passou a ser um lema apreciado e generalizado nas áreas da educação.

Mas o que é ler? O que é um leitor? Em busca da resposta a essas perguntas, criei em 2000 na Pontifícia Universidade Católica do Paraná um curso de especialização

denominado “Leitura de múltiplas linguagens”. Esse curso foi oferecido anualmente até 2006. O curso estava direcionado a profissionais das mais diferentes áreas: arquitetos, artistas – teatro, artes plásticas, dança, música, literatura – editores, educadores em geral, jornalistas, professores, psicólogos, psicanalistas, críticos profissionais e outros. A intenção era compartilhar diferentes formações que propiciassem um diálogo entre diferentes linguagens. E tal objetivo se concretizou, como se verá a seguir.

O curso estava organizado em uma grade enxuta de disciplinas, que passo a apresentar para que possa melhor contextualizar e desenvolver alguns resultados e reflexões decorrentes dessa experiência. Os nomes das disciplinas, intencionalmente, enfatizavam o termo leitura para que ficasse evidente que não se tratava de estudar o processo de alfabetização e suas práticas. Esse quadro permaneceu quase inalterado, bem como seu corpo docente. O elenco de disciplinas continha Teorias da leitura, Leitura e literatura, Leitura e artes visuais, Leitura e acervos, Leitura e música, Leitura e Cinema, Leitura e Teatro, A formação de leitores, Leitura, comunicação e cultura e, por fim, Leitura e jornalismo.

O corpo docente era formado por professores da PUC-PR, da Universidade Federal do Paraná, da PUC-Rio e da Universidade Federal Fluminense. O que consolidava as bases teóricas e os procedimentos pedagógicos era uma base comum de compreensão do que fosse leitura e leitor. Três princípios gerais estruturavam as atividades das disciplinas, todos provindos da “estéticas da recepção”, resumidos aqui nas linhas retiradas do *O ato da leitura*, obra de Wolfgang Iser:

1 - “A obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor.” (Ato da leitura, v.1, p.51)

2 - “Uma teoria do efeito está ancorada no texto – uma teoria da recepção está ancorada nos juízos históricos dos leitores” (v.1, p.16)

3 - “O efeito estético deve ser analisado (...) na relação dialética entre texto, leitor e sua interação. Ele é chamado de efeito estético porque – apesar de ser movido pelo texto – requer do leitor atividades imaginativas e perceptivas, a fim de obrigá-lo a diferenciar suas próprias atitudes.” (v.1, p.16)

Vinham somar-se a esses princípios teorias oriundas de outros autores como Eco, Jauss, Fish, Bourdieu, Chartier, Barthes, Compagnon, Foucault, Habermas, Ingarden, Gadamer. Do Brasil, vinha o pensamento sobre leitura de Paulo Freire, Eliana Yunes, Marisa Lajolo e Regina Zilberman. Somavam-se a essa teoria sobre a recepção, os autores específicos para cada uma das linguagens. Na verdade, o ineditismo do curso trouxe uma contínua aprendizagem ao longo dos anos em que foi ofertado. Cada professor punha à prova sua posição teórico-crítica no diálogo com os multiprofissionais que ocupavam a sala de aula. Pedagogicamente, o princípio básico das aulas era a interação, a colaboração, o compartilhamento, o diálogo.

Além dos trabalhos próprios de cada disciplina, a avaliação final dos estudantes era uma monografia, individual e cujo assunto deveria obrigatoriamente atender o objetivo mais relevante do curso: examinar cada linguagem à luz de sua interpretação e de seus intérpretes, ou seja, de sua recepção. Transportada para uma magnitude de reflexão mais ampla, na monografia o leitor-autor deveria combinar “normas e segmentos numa sequência contrafactual, opositória, contrastiva, telescópica ou fragmentada” (ISER, 199, v.2, p.131) para produzir uma nova representação do assunto a cuja abordagem se dedicou.

Esse trabalho final começava pela rememoração e, não poucas vezes, descoberta do passado leitor de cada integrante da turma. Esse reconhecimento do terreno era a primeira atividade do curso. Depoimentos desse tipo envolviam um esforço retrospectivo, mas acima de tudo uma imersão afetiva no passado. Algumas dessas narrativas nasciam cronologicamente, outras desordenadamente. Juntamente com a memória dos livros, afloravam descrições da infância à idade adulta, da família, dos protocolos de leitura da casa, e, por vezes, a presença dos professores, dos amigos e da escola. A ligação entre essa origem leitora e a profissão exercida no momento do curso se revelava muito mais a do encantamento ou da dificuldade com a leitura dos escritos do que propriamente determinando essa ou aquela profissão. Acentuava-se, assim, a impossibilidade de traçar uma linha reta e contínua entre o início das atividades leitoras e um destino pré-traçado por elas. Essa liberdade do leitor ao lidar com suas memórias e ao fazer suas escolhas foi importante para assegurar aos alunos muito mais um visão histórica e de comunidades interpretativas, do que marcas determinantes e restritivas em suas histórias de leitores e de leituras.

Essa atividade acabou se refletindo no momento de escolha dos assuntos da monografia final: alguns alunos preferiram tratar de uma linguagem que lhes atingia mais afetivamente do que profissionalmente. Nem todos os professores escolheram tratar de assuntos ou temas de sua profissão. Nem todos os atores trataram de teatro. No entanto, a maior parte dos alunos preferiu ficar no território da linguagem mais familiar e com aplicação mais direta no trabalho profissional. Entre os vários aspectos relevantes dessa atividade, convém ressaltar que o compartilhamento das histórias de vida leitora provocou novas lembranças e um sentimento de comunidade, de comunhão de narrativas com fios comuns.

Pierre Bourdieu ressalta a importância desse trabalho de rememoração para o amadurecimento do leitor e para a epistemologia da história da leitura:

Historicizar nossa relação com a leitura é uma forma de nos desembaraçarmos daquilo que a história pode nos impor como pressuposto inconsciente. Contrariamente ao que se pensa comumente, longe de relativizar ao históriá-la, também nos damos um meio de relativizar sua própria prática, portanto, de escaparmos à relatividade. Se é verdade que o que eu digo da leitura é produto das condições nas quais tenho sido produzido enquanto leitor, o fato de tomar consciência disso é talvez a única chance de escapar ao efeito dessas condições. O que dá uma função epistemológica a toda reflexão histórica sobre a leitura. (CHARTIER, 1996, p. 233-234)

Diferentes professores em diferentes disciplinas foram fundamentais para ampliar os repertórios de conhecimento de todos os alunos porque, como não havia disciplinas eletivas,

todos passaram pelas diferentes linguagens e puderam aprender e acrescentar(se). Ter acesso a informações especializadas, sair de um universo exclusivo de signos, interagir com textos novos e conviver com leitores especialistas e análises de textos-obras com instrumentos/referenciais adequados e idiossincráticos representou adentrar a essas novas comunidades interpretativas em uma oportunidade única de viver a multiplicidade, que era a raiz e propósito do curso.

Ao final, as monografias, orientadas pelos professores afins, foram apresentadas perante uma banca composta por três docentes do curso. A diversidade dessas propostas de leitura merece nomeação, uma pequena descrição e comentários para que se possa avaliar a amplitude de questões e assuntos que uma abordagem das múltiplas linguagens pode conter.

Como será possível observar, algumas pesquisas privilegiaram a comparação entre obras ou linguagens. Os alunos ainda demonstravam certa timidez teórica e analítica para se desapegar do texto verbal escrito. A listagem que se vai ler abaixo é seletiva: nem todas as monografias estão relacionadas. O critério para a seleção foi a diversidade temática; para tanto, eliminaram-se as monografias que de um ano para o outro apresentavam muitos traços semelhantes.

Artes plásticas e Imagens

Autor/autora	Título
Arlete Claro de Amaral	História em Quadrinhos: uma opção ao sistema de ensino
Vanessa Araújo Menezes	Ilustrações e ideologias na literatura infantil dos anos 90
Rita de Cássia Soliéri Brandt	David Carson – O design do desassossego
Jucélia Aparecida Ribeiro Gonçalves	Museu e educação
Cristina Mazolla Vieira Faret	“Olhar em construção”: a escultura contemporânea de Tânia Bloomfield
Denize Maria Munhoz da Rocha Ribeiro de Souza	Murais curitibanos de Poty: memória e história
Cláudio Luiz Nascimento Ogliari	Leitura da cor, suas tendências e realizações artísticas
Renata Alvarenga Chéde	Volta ao mundo do postal: uma leitura da história do cartão-postal.

A linguagem visual, seja na sua expressão tradicional e museológica, seja na produção contemporânea para a massa de leitores, como os quadrinhos, atraiu várias pesquisas que, como se pode observar, concentraram-se na obra do artista, na matéria prima ou no caráter complementar, como as ilustrações de livros infantis e na formação de leitores de imagens, acentuando o caráter educacional do trabalho com linhas, cores e formas. Em todas elas, estavam presentes a teoria da recepção, os elementos idiossincráticos da linguagem e a visão analítica do tema.

Cinema

Autor/autora	Título
Ana Luiza Barbosa Curi	Referenciar, discutir, atualizar: traços e faces do ato de leitura de “Senhora Dalloway” realizado em <i>As horas</i>

Ana Paula Johann	A adaptação no cinema: literatura e imagem em movimento
Juliana Sanson de Oliveira	O mito do norte-americano como o salvador do mundo: como o cinema ajuda a manter essa ideologia
Selma Iara Brockelt	Trilha sonora: um universo à parte no cinema
Gláucia Palumbo Souza Rolim	Comparação entre a rapsódia <i>Macunaíma</i> , de Mário de Andrade e a adaptação fílmica realizada por Joaquim Pedro de Andrade

Das cinco pesquisas relacionadas, três estão ligadas ao aspecto de tradução de uma linguagem – a literária- em outra, a cinematográfica. Duas delas, no entanto, concentram a análise nas questões mais técnicas e próprias do cinema: som e ideologia do discurso cinematográfico. Juliana Sanson de Oliveira, licenciada em Letras, é hoje cineasta: o curso, segundo ela mesma declarou, ajudou-a a definir melhor sua carreira. Há, portanto, nesse trabalho com múltiplas linguagens para a formação de leitores plurais, um viés de conscientização, de definição de desejos, de formação integral.

Tanto na questão das artes plásticas como no cinema, na televisão ou na publicidade, a pesquisa sobre as imagens, essa linguagem tão vigorosa e presente na cultura contemporânea, desafia os estudos sobre a recepção, como já observou Alberto Manguel:

Não sei se é possível algo como um sistema coerente para ler as imagens, similar àquele que criamos para ler a escrita (um sistema implícito no próprio código que estamos decifrando). Talvez, em contraste com um texto escrito no qual o significado dos signos deve ser estabelecido antes que eles possam ser gravados na argila, ou no papel, ou atrás de uma tela eletrônica, o código que nos habilita a ler uma imagem, conquanto impregnado por nossos conhecimentos anteriores, é criado após a imagem se constituir – de um modo muito semelhante àquele com que criamos ou imaginamos significados para o mundo à nossa volta, construindo com audácia, a partir desses significados, um senso moral e ético, para vivermos. (MANGUEL, 2001, p.32-33)

Acredito que essa posição possa ser expandida às demais linguagens quanto às possibilidades de construir sistemas de leitura, quanto aos valores moral e ético deles resultantes.

Cultura

Autor/autora	Título
Jeani Ribeiro Jovenal	Collor de Mello: um mito construído
Lucinéia Pavão Santiago	A cultura de massa: uma leitura dos modelos de representação de mulher veiculados no programa do Ratinho
Tatiani Daiana de Novaes	A importância de trabalhar a cibercultura na escola
Leila de Jesus Chemin	Livro didático na contramão da pós-modernidade: algumas considerações
Célia Cristina Silva de Godoy	Redondos, roliços e fofinhos ou Como os gordos são li(n)dos
Beatriz Miranda	Uma leitura de um perigoso vírus atual: a linguagem subliminar
Maria A. Nogueira de Mendonça	Origem, manutenção e decadência das festas religiosas e populares nos quilombos Abobral e Morro Seco

Talvez a categoria “cultura” devesse ser o manto sob o qual se abrigariam as demais linguagens. No entanto, é possível verificar pelos assuntos e temas tratados que ela funciona como uma espécie de repositório de questões que ultrapassam as categorias já definidas e mais ou menos aceitas pela voz geral dos estudos acadêmicos, como música, literatura, jornalismo e outras. Entre as pesquisas realizadas, verifica-se que os temas abordados apoiam-se em diferentes suportes: a televisão, o computador, o livro didático, fotos e filmes. Mas nem por isso o que se privilegiou foram as linguagens criadas nesses suportes. A abordagem dos temas, pelo viés ideológico e educacional, usaram as linguagens como documentação, como registro. O olhar crítico transcendeu a materialidade semiótica. A brecha de conhecimento específico das linguagens continuou aberta.

Jornalismo

Autor/autora	Título
Yury Reginaldo Myamura	<i>Nicolau</i> : uma identidade cultural singular
Natalia Núñez	A ficcionalização do texto jornalístico na crônica de Moacyr Scliar
Marina Araújo	Lula e as eleições presidenciais: uma história contada pelas capas da revista <i>Veja</i>

Os dois primeiros estudos ainda tomavam a linguagem verbal escrita como base de reflexão e de entendimento da linguagem jornalística. Em especial, a pesquisa sobre elementos formais de ficcionalização apresentou uma perspectiva bastante intrigante sobre a contaminação jornalismo-literatura. O terceiro estudo trabalhou intensivamente a imagem, deixando em segundo plano a manchete que a acompanhava. Foi uma aplicação bastante relevante do uso ideológico da imagem e das estruturas imagéticas para convencimento do leitor.

Literatura

Autor/autora	Título
Claudia Maria Millek	<i>O Guarani</i> , de José de Alencar, “O canto do Piaga”, de Gonçalves Dias e “A Batalha dos Guararapes”, de Victor Meirelles: uma leitura sobre a guerra na perspectiva do romantismo
Júlio Rocker Neto	Fragmentos memorialísticos na margem da pós-modernidade: a obra de Lya Luft
TaináCristina Pires	<i>Dias e Dias e Dôra, Doralina</i> , dois olhares femininos sobre a História
Nilton Cezar Tridapalli	Máquinas extraviadas: o fantástico em tempos Neobarrocos
Cristiane Moraes	Um dialogo entre <i>Dois irmãos e Esaú e Jacó</i>
Carolina Nunes da Motta	Era uma vez o vento: o resgate do conto de fadas na obra de Marina Colasanti
YohanaHartmann	Livros para um leitor infantil crítico

A literatura foi a linguagem que mais atraiu os alunos-leitores para desenvolver sua monografia. Uma das razões para essa preferência pode estar em que a bibliografia teórica sobre leitura apoia-se muito na literatura, como em Jauss, Chartier, Iser e Fish. As abordagens ainda apresentavam um trabalho comparativo, até mesmo com a pintura. A textualidade ora era objeto de uma perspectiva ideológica, ora de tendências estéticas e, em outros trabalhos, voltada para a escola e um público definido, como as crianças. O ganho nestas monografias residiu numa reflexão mais intensa sobre a recepção, mesmo que os títulos não consigam, por vezes, deixar perceber este viés.

Música

Autor/autora	Título
Juliano Augusto Alves Furtado	Caetano Massa
André TezzaConsentino	A indústria dos sons: leitura de CitiMoviment, balé de WyntonMarsalis
Andressa Lima	Clementina de Jesus
Augusto Martins da Rosa Neto	A recepção da ópera
Luciano Azambuja	Uma leitura da canção: a ideia de imperialismo na música do mundo livre s/a
Sandro Retondario	A mulher no cabresto: a relação de dominação do homem sobre a mulher nas canções de Jackson do Pandeiro

Convém salientar que as pesquisas sobre a música conseguiram analisar mais a linguagem musical, enquanto sons/silêncios e ritmos, independentemente da letra que acompanha o texto musical. Mesmo assim, aparece, como não poderia deixar de ser, a relação letra/melodia quando se trata de uma abordagem ideológica. O trabalho sobre mundo livre s/a conseguiu uma excelente simbiose na aproximação melodia/letra e acabou por se transformar num estudo mais aprofundado na mesma linha e se tornou uma dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina.

Publicidade

Autor/autora	Título
Aline Leucz	Mitologia e publicidade: Apolo desce do Olimpo para os anúncios de revista.
LoanaWandrowelzti	Análise do filme publicitário “A semana” à luz da estética da recepção
Christopher G. P. do Nascimento	Propaganda de celular: publicidade e modismo na cultura de massa

Dada a estreita relação entre o texto publicitário e a função explícita de convencimento do leitor para mobilizá-lo em direção ao consumo, as pesquisas intensificaram as abordagens das funções da linguagem de Jakobson e da cultura de massa de Barthes e Umberto Eco e as comunidades interpretativas de Fish, resultando em trabalhos analíticos muito bem fundamentados. Os próprios autores, no desenvolver da pesquisa, mais se descobriam como consumidores motivados pelo leitor implícito - conforme Iser – dos textos analisados.

Teatro

Autor/autora	Título
Evelise Campagnaro de Oliveira	Recepção da tragédia do “Rei Ricardo III”, de William Shakespeare, por Al Pacino no filme, <i>Ricardo III Looking for Richard</i>
Cirineu de Freitas Nunes	A malandragem na <i>Ópera do malandro</i> , de Chico Buarque

A semiótica do teatro foi instrumento de enorme valor para dar base teórica às monografias que tiveram o teatro como assunto. O texto teatral com sua natureza dupla, de texto e espetáculo, cria níveis múltiplos de recepção, o que permite aplicar as teorias da recepção com muito proveito analítico e interpretativo. Além disso, as diferentes linguagens que compõem indissolavelmente o espetáculo teatral fez desdobrarem-se as pesquisa em aspectos que acabavam por ligarem várias das outras linguagens tratadas no curso, como a cenografia, a sonoplastia, o figurino, os objetos de cena, os gestos, a voz humana e, evidentemente, o diálogo e a rubrica como duplicação da linguagem verbal escrita.

Para concluir este retrospecto sobre um curso de especialização que, em sua proposta inovadora, conseguiu perdurar e formar cinco turmas com trabalhos de pesquisa instigantes e formar leitores mais seguros de sua interpretação e mais conscientes de seu papel profissional, gostaria de reproduzir um pequeno trecho de Hans-Robert Jauss quando se refere ao movimento evolutivo do horizonte de expectativa de um leitor diante de uma obra literária. Traduzo e transporto essas palavras para afirmar que os alunos que passaram pelo curso de “Leitura de múltiplas linguagens” da PUC-PR tiveram seu olhar interpretativo alterado, acrescido e amadurecido ao final de todo o processo de aprendizagem.

O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. Denominando-se distância estética aquela que medeia entre o horizonte de expectativa preexistente e a aparição de uma obra nova – cuja acolhida, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras, jamais expressas, pode ter por consequência uma “mudança de horizonte” -tal distância estética deixa-se objetivar historicamente no espectro das reações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia). (HAUSS, 1994, p.31)

O balanço final da experiência com o estudo e a aplicação das teorias da recepção às múltiplas linguagens pode resultar numa coleção de dúvidas teóricas e de certezas práticas.

Este resultado está a exigir novas experiências, mais pesquisa, outros escritos, mas, sem a menor dúvida, é possível afirmar que houve entre professores e alunos logiáveis participantes dessa experiência, uma “mudança de horizonte” e, sem temor algum, pode-se afirmar que houve uma alteração para outro patamar de conhecimento e apreciação das linguagens humanas. E a leitura foi a ação motivadora e determinante dessa transformação.

Referências

- CHARTIER, Roger (org.) *Práticas da leitura*. Trad. de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DINIZ, Júlio. Música popular- leituras e desleitura. In: OLINTO, Heidrun Krieger & SCHOLHAMMER, Karl Erik (orgs.) *Literatura & mídia*. Rio de Janeiro: Loyola; Ed. PUC-Rio, 2002. p.173-186.
- HAUSS, Hans Roberto. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. 2v.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Trad. de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg; Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2 ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005. p.170-180.